3.º Anno — DOMINGO 22 DE MAIO DE 1910 — N.º 22

CORREIO DO VOUGA

Semanario independente, noticioso e litterario

Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc. Rua de Sá Noronha, 51 — PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO: ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO NA RUA DE S. MIGUEL N.º 36 — PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceita collaboração que não seja sollicitada.

CARTAS D'ALGURES

Meu amigo:

Li o seu artigo — Jesuitas e franciscanos — e concordei com a doutrina expendida nelle.

Como v., conheço apenas de nome *A Voz de Santo Antonio*, mas, atravez das accusações que lhe fizeram, e que v. em parte registou, pareceu-me descobrir a sua orientação, que não me envergonharia de applaudir. Os franciscanos ficaram a merecer-me certa sympathia, e toda a minha indignação se voltou contra os seus perseguidores.

Convenci-me, mal vi a carta de Merry del Val, que a revista de Montariol ia ser suspensa, mas ao mesmo tempo persuadi-me que a violencia não seria consumada, sem um protesto severo e altivo.

Os humildes tambem tem impetos de revolta, e, quando passam de reus a julgadores, são formidaveis na condemnação. E' a colera, muitos annos contida, a explodir. O extincto da vingança a exercer-se. O sentimento da justiça a dominar.

Eu via levantarem-se os padres de Montariol, bruscamente transfigurados, e, de cabeça nobremente erguida, gritarem contra Roma toda a sua justa indignação. Nenhum preconceito os continha. Revelavam-se homens, defendendo o direito de pensar segundo a sua consciencia. Viam calcar a justiça, e não o deixavam fazer impunemente. O seu triumpho, de momento, seria apenas o seu protesto. Mas cumpriam um dever. Isso os compensava, em grande parte, da violencia contra elles praticada. Trabalhavam pela verdade, e a verdade havia de vencer. Continuariam a sua obra por todos os meios que fossem justos e nobres.

Para o meu espirito, os franciscanos assumiam esta attitude em face da ordem do Santo Padre, quando o *Portugal* me poz diante dos olhos a seguinte declaração:

«*Os antigos redactores de* A Voz de Santo Antonio *fazem constar pelo* Portugal *que aquella Revista, apenas lhe foi communicada pelo Ex.mo Rev.mo Snr. Arcebispo Primaz a carta do Ex.mo secretario de Estado de Sua Santidade immediatamente se sujeitou, incondicionalmente, e sem reserva de especie alguma, ás Venerandas Determinações do Vigario de Jesus Christo, acceitando com toda a submissão a sentença que a supprimiu.*

A redacção de A Voz de Santo Antonio».

Li e caí das nuvens. Mas talvez alguem se ria desta minha ingenuidade de suppôr os franciscanos capazes d'uma rebeldia perante o Santo Padre. Hão-de recordar-me que fizeram voto de obediencia passiva. Que neste ponto não ha que distinguir entre elles e os jesuitas. Que enfermam todos do mesmo mal.

Depois d'aquella declaração, tenho de concordar. Mas sempre quero dizer por que ella me surprehendeu.

Uma das accusações que fizeram aos padres de Montariol foi a de advogarem o principio da *liberdade de consciencia*, e uma das razões que explicam a campanha que lhes moveram os jesuitas consiste em elles sustentarem que ser *catholico não implica a obrigação de militar nas fileiras do partido nacionalista*.

Mas quem tenha sustentado sinceramente uma certa doutrina, quem tenha posto na sua defeza e na sua propaganda toda a energia de que é capaz, quem a tenha tratado com a paixão da verdade, póde receber *incondicionalmente, com toda a submissão*, a sentença infundamentada e infundada que a condemna e inutilisa? Póde comprometter-se a emudecer para sempre apenas porque um preconceito obriga a obedecer passivamente? Póde fazê-lo quem combate preconceitos? Quem sustenta o principio da *liberdade de consciencia* póde, d'um momento para outro, abdicar d'este direito?

Talvez a Egreja tenha resposta para todas estas interrogações que o meu espirito formula inquietamente, ao recordar a declaração dos Redactores de *A Voz de Santo Antonio* e ao pô-la em confronto com as accusações que lhe haviam feito. Póde ser. Mas eu desconheço-as, e não estou disposto a descobri-las, tal é a desesperança de que me convençam.

20-5-910.

Seu do coração

A. B. C.

GAZETILHA

Parece-me inda que habito
Nesse vetusto planeta
Que deixei sem dar um grito
Num suffocar expedito
De cyanogenio exquisito
Da cauda do tal cometa.

Noto, cachopas, qu'aqui
No mundo novo em qu'estamos
Támem se chora e sorri
Támem se come por'hi
Támem ha *pinga*, olari,
E todos nós trabalhamos.

Vejo que existe por cá
A commissão escolar
Tal e qual como por lá,
Que nenhum passinho dá
A favor do *b a ba*;
Qu'isto não vai a matar.

Encontra-se aqui tambem
Muito tratante e marau
A fingir d'homem de bem.
E' cada filho da... mãe
Pelo *novo* mundo alem
Que só correndo-se a pau.

Ha jornalecos ás pilhas
E o Alfredo de Magalhães
Que sabe, com armadilhas,
Apanhar-me as gazetilhas,
Estas raras *maravilhas*
Que... nojo mettem aos cães.

Sempre suppuz, meus amores,
Que a passagem do cometa
Me livrasse dos crédores
Fantasmas cheios de horrores
Que me causavam suores
E me faziam pateta.

Mas nem assim me livrei
Do pesadello constante;
Já tambem os encontrei,
E até por isso roguei
Ao cometinha d'Halley
Uma praga retumbante.

22-5-910.

EL-VIDALONGA.

ASSUMPTOS LOCAES

Por mais d'uma vez temos fallado na necessicidade urgente de construir uma fonte nesta villa.

O serviço de exploração d'agua está começado; já absorveu até uma somma relativamente importante, e é pena, mais do que isso, representa incuria, pessima administração das instancias competentes, não o continuar.

Assim o comprehende, e não se cança de advoga-lo, o nosso presado amigo e activo vereador sr. Avelino Dias de Figueiredo. Assim o comprehendeu tambem, ultimamente, a Junta de Parochia que já representou ao governo, pedindo um subsidio para a continuação daquelle serviço.

Informam-nos de que patrocina a representação o illustre governador civil do districto, sr. Conde d'Agueda, que certamente o fará com o maior empenho.

*

Continua-se activamente no concerto das estradas d'esta villa, estando já concluidas a da Balça e a que vae d'Horta para Mamodeiro.

Logo que o tempo o permitta, começar-se-ha com a da Quinta Velha e a do Barreiro.

*

Informam-nos de que ha todas as probabilidades de as respectivas instancias attenderem as reclamações que se tem feito para ser concertado com a maxima urgencia um rombo que existe na margem esquerda do rio Vouga, junto ao Campo Velho, e que está a causar incalculaveis prejuizos.

Consta-nos até que o Ex.mo Director das Obras Hydraulicas está resolvido a vir aqui estudar o assumpto, não o tendo feito já, em virtude do rio haver enchido muito.

O que é o "Povo d'Aveiro"

VIII

Das transcripções que temos feito do *Povo d'Aveiro* resalta claramente o contraste entre os processos que aquelle jornal em tempos adoptou para combater a orientação do partido republicano e os que hoje usa no ataque systematico aos homens do mesmo partido.

Mas o nosso fim não era apenas este.

A obra do *Povo d'Aveiro* está cheia de contradições e de incoherencias, tão repetidas e tão flagrantes, que quem a estudar demoradamente, e sem paixão, ha-de concluir que ao seu auctor falta esta qualidade fundamental no jornalista — a sinceridade.

Para o provar não é preciso gastar palavras. Basta fazer transcripções. E' esta a melhor maneira de inutilisar a acção perniciosissima do *Povo d'Aveiro*. E' o que deveriam fazer todos os jornaes que comprehendem os seus deveres.

Alguns preferem lança-lo ao desprezo, calando-se. Mas o silencio, neste caso, significa desaggravo pessoal, e a profissão do jornalista não é vingar as offensas que lhe dirigem, mas contribuir para o bem do seu paiz e da humanidade.

Outros atacam-no, servindo-se dos proprios processos que condemnam. Seria preferivel que estivessem callados. Não inutilisam a obra que julgam combater. Pelo contrario, aggravam os seus effeitos.

Pela nossa parte, continuaremos a manter a mesma orientação, não obedecendo a resentimentos nem a intuitos de ordem politica, na baixa acepção da palavra.

Retomado o fio ao discurso, passemos a documentar as nossas affirmações. Remontemos aos tempos em que o *Povo d'Aveiro* ainda não estava dominado pelo *odio pessoal* aos republicanos, e transcrevamos. Não aproveitaremos as palavras que se seguem como arma contra a monarchia, mas como documento para justificar mais uma vez que esta campanha corresponde a uma necessidade do nosso paiz:

«Lança a gente os olhos pela Inglaterra, pela Allemanha, pela Dinamarca, pela Suecia e Noruega, pela Hollanda, nações grandes e pequenas, e vê, em todas ellas, que a monarchia não mantem o povo na ignorancia, não afoga a liberdade, com mêdo dos progressos do republicanismo ou do socialismo.

Os altos poderes do estado defendem-se, sem duvida, das investidas revolucionarias. Acautelam-se com o perigo demagogico e nem sempre o fazem lealmente. Mas não teem a preoccupação, a mania, a ideia fixa de que todo o progresso é uma ameaça.

Aqui, *neste jardim á beira-mar plantado*, consideram-se *perigosas* todas as tentativas de liberdade, todos os esforços para levantar e civilisar as multidões. Todos! Subordina-se tudo, tudo, á defeza das instituições. As leis fazem-se nesse exclusivo proposito. A lei eleitoral, a lei de reunião e associação, a lei de imprensa, as leis penaes, as leis de instrucção, e tanto a lei civil como a militar. Ha em todas ellas um fim unico: afogar a liberdade, impedir a iniciativa individual, manter o povo na ignorancia e na miseria, difficultar o progresso, estorvar a civilisação.

O povo não deve saber lêr. Se sabe lêr, sabe raciocinar, sabe pensar. Pensando, póde concluir que o regimen republicano é melhor do que o regimen monarchico. Vamos então a impedir que o povo aprenda, vamos então a mantêl-o na ignorancia, vamos então a abafar o pensamento.

O povo não deve viver vida desafogada. Se não viver na miseria, temos dois males: o mal d'elle ter recursos para se civilisar por si proprio e o de faltar dinheiro para manter a grande cohorte dos beleguins e espiões da consciencia publica.

A miseria é um duplo meio de defeza que possuem as instituições. Vamos, pois, a manter o povo na miseria.

Um deputado republicano, um só que haja na camara, póde ser um fiscal intelligente da dignidade da nação. E, embora não o seja, é, em todo o caso, um mau exemplo. Offende, todavia, o orgulho magestatico de quem tudo póde e de quem tudo manda. Faz-se uma lei eleitoral que, bem ou mal, com escandalo ou sem elle, exclua da camara os republicanos.

Não se dão largas á imprensa, que seria contagioso. Não se permitte que os cidadãos se reunam para fallar, para discutir. Trocar ideias, affirmar opiniões é altamente subversivo. Entre escravos foi sempre um perigo enorme deixar-

se ouvir uma voz de protesto, deixar-se erguer um grito de rebellião.

Lá fóra reunem-se até os militares. Teem clubs, associações, circulos, clubs famosos, circulos imponentes, onde se juntam aos milhares para conversar, para fallar, para discutir. Em Portugal, nem os professores d'instrucção primaria se podem reunir!

Aqui, todas as attenções, todas as actividades, todos os zelos e cuidados se limitam a pôr a monarchia a salvo de todos os perigos, de todas as hypotheses perigosas, que é o peor, hypotheses sensatas ou insensatas, admissiveis ou inadmissiveis.

Aqui parte-se do principio de que tudo quanto é progresso, quanto é civilisação, constitue uma ameaça aos interesses monarchicos, embora seja uma ameaça de effeitos longiquos. E recebe-se de má cara, com má vontade, tudo quanto importa progredir, tudo quanto seja caminhar. Quando não se faz isso escandalosamente, por que sempre é vergonha repellir o progresso á bruta, faz-se ás escondidas, por baixo de capa, ou com leis capciosas, cheias de mentiras, de subterfugios, de sophismas.

Com vontade, ou com amor, só se trata a guarda municipal e a policia. Este é o objectivo de todo o esforço dos altos poderes do estado. Pôr a guarda municipal e a policia em condições de resistir, pôr o exercito em condições de impotencia e coacção quando não seja possivel corrompel-o, annullar, entorpecer, difficultar tudo o mais que represente vida, independencia, acção, iniciativa, audacia, eis todo o pensamento, eis todo o trabalho official n'este desgraçado paiz. E um paiz n'estas condições ha-de-se atrazar á marcha geral da civilisação até ao ponto de succumbir necessariamente. E ha-de succumbir.

E succumbe, fatalmente.

A guarda municipal é commandada por uma creatura da confiança suprema. A policia de Lisboa é commandada por uma creatura da confiança suprema. O Campo entrincheirado de Lisboa, as divisões militares, os regimentos collocados nos pontos mais importantes do paiz, são commandados por creaturas da confiança suprema. O juiz de instrucção criminal é creatura da confiança suprema. Os outros juizes começam já, tambem, a ser creaturas da confiança suprema. O governo civil de Lisboa e Porto é creatura da confiança suprema. E tudo, e tudo. Começa a ser tudo, tudo, da confiança suprema. E' uma vasta rede d'agentes de policia, estendendo-se de norte a sul, de leste a oeste, rede que nos envolve por todos os lados, agentes que nos espreitam, que nos vigiam, e para os quaes ha só uma missão, ha só um fim: esmagar a mais pequenina tentativa de revolta, abafar o pensamento, calar a consciencia, afogar a liberdade, tolher a iniciativa, impedir que o paiz se levante, que o paiz se instrua, que o paiz caminhe, porque o paiz, pensando, discutindo, caminhando, progredindo, póde matar o regimen.

Defender a monarchia, eis a divisa, eis a palavra de ordem!

Isto, comprehende-se, dá logar aos maiores abusos, aos maiores desperdicios e esbanjamentos, a todos esses attentados e escandalos que dia a dia se veem e referem. A tyrannia provoca a tyrannia. O abuso multiplica o abuso. O egoismo gera o egoismo.

Firmado e apoiado n'uma legião de beleguins, o poder governativo, julgando-se seguro, lança-se de cabeça baixa, com o desrespeito, com o cynismo dos despotas, em todas as orgias. Os beleguins, sentindo-se fortes na fraqueza do mando, que precisa d'elles e d'elles vive, impossibilitado de os conter pela carencia de auctoridade, pela falta da razão e do direito com que elle proprio se apresenta, refinam no mesmo desrespeito, no mesmo esbanjamento, na mesma orgia.

E devoram as forças vivas da nação, que não chegam para alimentar a ancia de gosos e riquezas de que a turba multa se sente possuida.

E' um pandemonio louco.

N'estas condições, comprehende-se que entre nós existam impaciencias revolucionarias que não existem lá fóra.

. . . . . .

Um discurso de Roosevelt

A VIDA DOS POVOS MODERNOS

Roosevelt, ex-presidente dos Estados-Unidos da America do Norte, pronunciou no dia 12, na Universidade de Berlim, o seguinte discurso:

(CONCLUSÃO)

Antigas civilisações

Comparados com as civilisações que conhecemos melhor, os traços frisantes nas civilisações mesopotamicas e niloticas foram o longo tempo que duraram e a sua comparativa immutabilidade. Os reis, os padres e os povos que viveram nas margens do Nilo ou do Euphrates tiveram os mesmos pensamentos, praticaram as mesmas acções, deixaram por fim memorias muito semelhantes no lapso de dezenas de seculos. Com a queda de essas antigas civilisações surgem esses povos com quem se póde dizer que começa a nossa propria historia cultural. Essas ideias e influencias nas nossas vidas devem imputar-se na maioria dos casos aos judeus, aos gregos ou aos romanos; e o homem ordinario, quando fala das nações da antiguidade, tem em mente especificadamente esses tres povos.

O caso da Judeia foi de todo excepcional. Foi uma pequena nação de pouco mais importancia que as nações irmãs de Moab e Damasco, até que todas tres e os outros pequenos Estados do paiz cahiram sob o jugo do estrangeiro. Então ella sobreviveu, emquanto que todas as socias morreram. No dominio espiritual deu uma religião que tem sido o mais potente de todos os factores no seu effeito sobre a historia subsequente do genero humano; mas nenhum dos seus outros dons se compara com os legados que nos deixaram os gregos e os romanos.

O mundo greco-romano viu uma civilisação muito mais brilhante, muito mais variada e intensa que qualquer havida até ahi e que abrangeu muito maior espaço de superficie do mundo. Esta civilisação, em vez de se limitar ao valle d'um rio ou a um canto do Mediterraneo, influenciou directa ou indirectamente o genero humano desde o deserto do Saharà até ao Baltico, desde o Oceano Atlantico até á cordilheira mais occidental do Hymalaya. Esta civilisação floresceu com brilhante esplendor, mas afinal cahiu. Nos seus emporios septentrionaes foi submergida por uma onda de barbarie entre esses povos semi-selvagens, dos quaes vós, e eu, meus ouvintes, somos descendentes.

Ao sul e a leste foi destruida mais tarde, mas completamente por invasores de typo inteiramente differente. Ambas as conquistas foram de grande importancia; mas a septentrional foi da maxima valia nos seus ultimos effeitos. Com o advento dos tempos tenebrosos o movimento cessou, para só recomeçar d'ahi a muitos seculos, pelo que respeita á civilisação europeia.

Houve muitos pontos em que a idade media, pelo simples facto de ser christã, excedeu a brilhante civilisação pagã do passado. Houve depois seculos de violencias, rapinas e crueis injustiças. Durante esse periodo manifestaram-se varios movimentos extra-europeus importantissimos, um ou dois dos quaes affectaram a Europa. Surgiu o Islam e fez largas conquistas, unindo raças fundamentalmente differentes, n'uma fraternidade de sentimento com que o christianismo nunca poude rivalisar, e no tempo das cruzadas influindo profundamente na cultura europeia.

N'esse periodo todo, veio contra a Europa dos ignotos páramos da Asia Central, uma serie infinita de terriveis raças conquistadoras, cuja missão era simplesmente destruir — hunos, avares, mongoes, tartaros e turcos. Por fim, passados cerca de 400 annos, o movimento para uma civilisação mundial recomeçou a sua interrompida marcha.

A moderna civilisação

O começo do movimento moderno, póde considerar-se como synchronico com o descobrimento da imprensa e com essa serie de audazes aventuras maritimas, que culminaram no descobrimento da America.

Immediatamente, depois da viagem de Colombo e de Vasco da Gama, iniciou-se uma tremenda fermentação religiosa; o despertar do intellecto veio juntamente com a elevação moral; os grandes nomes de Copernico, Bruno, Kepler e Gallileu, mostram que o espirito do homem ia quebrando as algemas que o tinham prendido. D'ahi em deante, seculo por seculo, as mudanças augmentaram em rapidez e complexidade, e attingiram a sua culminancia a ambos os respeitos durante o seculo passado.

Em vez de ser dirigido por um ou dois povos dominantes, como succedeu com todos os movimentos similares do passado, o novo movimento foi partilhado por muitas nações differentes. A difusão da raça europeia desde os tempos de Fernando, o Catholico, e Ivan, o Terrivel, fez-se atravez de todos os mares e sobre todos os continentes. Em certos pontos as conquistas foram ethnicas; brotaram novos Estados, em que os povos eram inteira ou principalmente de sangue europeu. Succedeu isto nas regiões temperadas e sub-tropicaes do hemispherio occidental, na Australia, em partes da Asia setentrional o meridional.

N'outros pontos a conquista foi puramente politica, representando os europeus pela maior parte simplesmente uma pequena casta de soldados e administradores como na Asia, Africa e America tropicaes. Finalmente, aqui e acolá ocorrem casos em que não houve absolutamente conquista, mas em que um povo estrangeiro é profunda e radicalmente mudado pelo mero contacto da civilisação occidental.

O mais extraordinario exemplo d'isto é, naturalmente, o Japão, porque o progresso e a mudança do Japão durante o meio seculo ultimo, é a muitos respeitos o mais frisante phenomeno de toda a historia».

NOTICIARIO

Consorcios—Realisou-se hontem, na egreja d'esta freguezia, o enlace matrimonial do nosso conterraneo sr. Manuel Ferreira Dias Junior, mais conhecido por Manuel da Clara (filho) com a menina Michaela Marques Flamengo.

Desejamos-lhes muitas felicidades.

—No domingo ultimo consorciou-se em Aveiro, na egreja da Apresentação, o nosso amigo sr. Alfredo Osorio, illustrado pharmaceutico, com a sr.ª D. Clara Marques da Silva, gentilissima filha do estimado capitalista sr. Manuel Marques da Silva, residente naquella cidade.

Foi celebrante o reverendo Lourenço Salgueiro, e padrinho do noivo o nosso presado amigo sr. José da Fonseca Prat, e da noiva, sua irmã, a sr.ª D. Thereza Marques Soares, esposa do esclarecido clinico sr. Dr. José Soares, e o sr. Manuel Ferreira Domingos, abastado capitalista.

Findo o acto religioso, foi servido em casa dos paes da noiva um esplendido copo d'agua.

Desejamos aos noivos todas as felicidades de que as suas bellas qualidades os tornam dignos.

Instrucção Primaria—Estão a concurso a escola masculina de S. Thiago de Riba de Ul (Oliveira d'Azemeis), e a feminina da Bellazaima (Agueda).

—Foi nomeada professora-ajudante da escola masculina (2.ª cadeira) de Ilhavo a sr.ª D. Sarah da Conceição Guerra e Silva.

Fallecimento—Falleceu na terça-feira, no Porto, a sr.ª D. Maria da Paixão Pereira de Vasconcellos, esposa do sr. Jayme de Vasconcellos, illustrado professor do lyceu *Alexandre Herculano*, daquella cidade.

A' familia enluctada, e especialmente ao inconsolavel viuvo, enviamos sentidas condolencias.

Funeraes de Eduardo VII—Transcrevemos dos jornaes diarios alguns telegrammas sobre os funeraes do saudoso monarcha de Inglaterra, Eduardo VII:

Londres, 20

Multidão enorme assiste ao funeral do rei Eduardo. Desde as seis horas da manhã 35:000 soldados formam alas nas ruas por onde o cortejo funebre ha-de seguir. A maioria das casas estão fechadas. A's nove horas é trazida a Westminster a carreta de artilharia que deve transportar os restos mortaes do rei Eduardo, seguida dos seus cavallos e cão favoritos. Os sinos dobram a finados. Está a chegar o momento do sahimento régio.

O feretro foi collocado n'uma carreta pelos soldados da guarda real. Ao mesmo tempo um tiro de peça annunciava a partida do cortejo para Paddington.

Vem á frente um destacamento de exercito, a marinha real, delegações dos exercitos estrangeiros, officiaes e generaes do exercito britanico e principaes dignitarios da côrte.

A carreta é tirada por quatro parelhas, ladeadas de quatro escudeiros e seis gentis homens armados.

Veem em seguida, a cavallo, o imperador Guilherme e o duque de Connaught, avançando depois, tres a tres, os reis da Noruega, Grecia, e de Hespanha, Bulgaria, Dinamarca e Portugal, herdeiro da Turquia, rei dos belgas, archiduque da Austria, duque de Aosta, gran-duque Miguel Alexandrovitch e numerosos outros principes.

Seguem-se as carruagens conduzindo a rainha Alexandra, a imperatriz Maria da Russia, princeza Victoria, rainha Maria da Noruega e outras damas, filhos da familia real, Roosevelt e Pichon, fechando o cortejo numerosas delegações.

O sahimento chegou á estação de Paddington ás onze horas e 37 minutos e passou em perfeita ordem nas grandes ruas de Londres.

A affluencia de gente em Paddington causou numerosos desmaios.

Cinco comboyos especiaes com convidados partiram de Windsor, precedendo o comboyo funebre.

A partida do sahimento para a capella de S. Jorge foi annunciada por uma salva de 308 tiros de artilharia, disparados minuto a minuto.

Só ia uma carruagem, que era a da rainha Alexandra. Os reis e principes, todos a pé, atravessaram parte do parque real de Windsor para chegar á capella.

Windsor, 20

O comboyo funebre chegou ao meio dia e 32 minutos.

O corpo do rei Eduardo foi transportado sobre uma carreta de artilharia, puxada pelo destacamento da guarda naval até á capella de S. Jorge. A multidão, que era enorme, vestida de luto, assistiu á passagem do sahimento, composto nas suas grandes linhas como precedentemente em Londres, comprehendendo mais o corpo diplomatico.

Na capella, Alfredo Scott Grey, rei de armas da Ordem da Jarreteira, annunciou os titulos do finado rei e pediu a Deus que conceda longa vida e felicidade ao rei Jorge. O arcebispo de Canterbury lançou a absolvição.

O tempo está magnifico. Os delegados estrangeiros e embaixadores foram apresentados ao rei Jorge á sahida da cerimonia.

Londres, 20

Depois da collocação do athaúde, as personagens reaes regressaram a Londres para alcançar o comboyo.

A rainha Alexandra e o rei D. Manuel vieram na mesma carruagem.

Em toda a extensão do imperio britannico celebraram-se os serviços religiosos e fizeram-se manifestações de luto durante o dia.

Mais de 6:000 pessoas foram pensadas nas ambulancias e vinte conduzidas ao hospital.

Não se operou prisão alguma.

As perdas causadas pela paralysação dos negocios são calculadas em 9:000 contos de reis.

TERRENOS INCULTOS

O sr. dr. Julio d'Araujo, illustre presidente da Associação Commercial do Porto, pronunciou um interessantissimo discurso no Congresso Nacional que está actualmente aberto em Lisboa.

Por falta de espaço não podemos publica-lo na integra, mas não resistimos a archivar os seguintes trechos, que dizem respeito á situação de Portugal sob o ponto de vista agricola:

«A nossa situação economica resente-se, é certo, da nossa crise agricola, aggravada ainda pelas catastrophes do Ribatejo e pelas inundações do fim do anno.

De facto, sendo o nosso paiz essencialmente agricola, ainda importamos a enorme cifra de kilos 139.741:183 de cereaes, principalmente trigo, no valor de 4.677:827$ réis (média do decennio 1899-1908), e pelo que respeita ao producto primordial da nossa exportação—o vinho—ninguem desconhece a crise aguda que de ha annos está atravessando este ramo de agricultura portugueza.

A febre do plantio, distrahindo

para a cultura da vinha enormissimos tractos de terreno, quando este em outras culturas offerecia já compensadora remuneração; a imprevidencia dos governos que, preoccupando-se mais com politica do que com administração, descuraram os tratados de commercio que mais podiam interessar ao poiz, como os de Inglaterra e Brazil, apesar das antigas, continuas e reiteradas instancias da Associação Commercial do Porto, para se entreterem com os chamados tratados pequenos, sem ponderarem que assim difficultavam, se não prejudicavam aquelles, visto os outros terem a clausula de nação mais favorecida: tudo isto tem contribuido sensivelmente para que o nosso progresso agricola não haja conseguido o desenvolvimento que era dado esperar.

Para aggravar este mal, bastante tem concorrido tambem a orientação ou desorientação dos dirigentes politicos do nosso paiz, que, sem escrupulos no emprego dos meios para derrubar ministerios, teem acarretado a instabilidade dos governos, muitas vezes com manifesto prejuizo para a administração, visto problemas estudados por uma situação serem systematicamente postos de parte para dar logar á elaboração de outros, condemnados por via de regra á mesma sorte.

Tal é o prurido dos nossos estadistas em quererem apresentar obra nova!

E para que nada falte nesta obra de descalabro, véem ainda as falsas noticias para o estrangeiro sobre a nossa situação economica e financeira e sobre pretensas alterações de ordem publica, a par com as exageradas informações da nossa imprensa, dando em resultado a emigração de capitaes, que tão necessarios são para o desenvolvimento da nossa agricultura, commercio e industria.

Pois, apesar de tudo isto, a agricultura nacional tem progredido muito nos ultimos annos, para o que tem contribuido poderosamente o emprego dos adubos artificiaes, cuja importação se elevou no ultimo decennio de 9:600 a 124:000 toneladas, em valor de 130 a 1:400 contos, numeros redondos. Além dos adubos provenientes do estrangeiro, teem-se installado no paiz differentes fabricas para essa industria, com producções muito superiores aos numeros indicados.

E mais longe poderiamos ter chegado, se os nossos agricultores se familiarisassem mais com os bons processos de cultura e intelligente aproveitamento do sólo. Então poderimos sahir do logar deprimente que occupamos na escala relativa á utilisação do sólo das differentes nações da Europa, logar que é o penultimo com a percentagem de 46 °|o de incultos, ficando abaixo de nós apenas a Noruega com a percentagem de 71 °|o, perfeitamente excepcional, já pela situação especial d'este paiz, grande parte do qual está coberto de neve durante todo o anno, já pela sua constituição physica, que não lhe permitte melhor utilisação do sólo.

Não quero dizer que tenhamos a pretensão de nos aproximar da Austria-Hungria e Allemanha com as suas percentagens de 6 e 9 °|o, ou da Belgica e Roumania com as suas percentagens de 12 °|o, nem mesmo da Italia, França, Inglaterra, ou Dinamarca com as suas percentagens de 13 a 18 °|o; mas o que devemos é esforçar-nos por nos aproximar o mais possivel da Hespanha, que na escala mostra apenas a percentagem de 20 °|o de terrenos improductivos.

Esta grande parcella do sólo improductivo mal se comprehende num paiz em que a população vem crescendo constantemente. De 500:000 habitantes por occasião da constituição da monarchia, vêmol-a, no meado do seculo XVI, segundo os calculos de Rebello da Silva, subir a 1.800:000 habitantes.

E nos ultimos 50 annos a população do continente e ilhas adjacentes sóbe de 3.903:558 para 5.650.284 habitantes, com a média annual de accrescimo nesse periodo de 34·934 habitantes, e no ultimo decenio de 373:403.

E maior seria esse desenvolvimento se não fosse a emigração que nos leva quasi metade do accrescimo annual da população. Ora, se Portugal poderia alimentar pelo menos o dôbro dos habitantes que possue, utilisando o seu sólo inculto, a verdade é que, no estado actual, nem mesmo estes póde sustentar, visto a progressão das substencias não acompanhar a sua população, contrariamente ao que succede nos outros paizes. E' por isso que o sr. Anselmo de Andrade, no seu «Portugal Economico», diz, e muito bem, que, devendo ter o nosso pais uma população duas vezes maior que a existente, em relação a todo o seu territorio, é ainda assim excessiva relativamente á sua producção. O nosso paiz está assim na triste e original situação de possuir um excedente de terras sem haver quem as cultive, e um excedente de trabalhadores que elle não póde alimentar.»

A B C Illustrado
POR
ANGELO VIDAL
A' venda em todas as livrarias.

SECÇÃO LITTERARIA

FADOS

Quem não ama, nunca póde
Dizer que gosa algum bem ..
Julga viver e não vive,
Julga ter alma e não tem!

Quando aos choupos cae a rama
E' que é morrer por amor...
O outomno faz-nos a cama
E a gente dorme melhor.

O meu coração ao vêr
Como o prêto te está bem,
Só de um sonho lhe morrer
Poz-se de luto tambem...

Ainda bem que o meu amor
Anda nas aguas do Mar!
Prantos que eu choro, de dôr,
O rio lh'os vae levar...

O' Portugal desgraçado,
Que as ondas do mar passaste,
Foi teu companheiro o Fado
E malfadado ficaste!

Embarquei, deixei o mundo
Por um certo olhar traidor,
Mas as Naus foram ao fundo
E eu fiquei morto d'amor...

Nossa Senhora das Dôres,
Pedi-lhe, vejo-me dar,
Deu-me um rosario d'amores
Para a teus pés eu rezar...

Marinheiro afeito ao mar,
Não se importa de ir á guerra,
Pois se o corpo anda no Mar,
A alma ficou-lhe em terra.

Caiu-te um beijo no chão,
Tornou-se em amor perfeito;
Assim foi meu coração
Quando caiu no teu peito!

Lavadeira côr de linho
A' beira d'agua a cantar,
Dize ao rio, coitadinho,
Que não vá sempre a chorar...

Roseiras das minhas bodas!
Mal tuas mãos lhes tocaram,
Morreram as rosas todas
E só espinhos ficaram...

Nossa Senhora da Guia
Mal me guiou, a meu vêr...
Guiou-me para o teu lado
E eu á desgraça fui ter...

Ribeiro de Carvalho.

PORTUGAL NA CRUZ
Versos de BERNARDO PASSOS
Edição da *Livraria Central*, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.

NOTICIAS PESSOAES

Estadas

Esteve, ultimamente, aqui e no Porto, o nosso presado amigo e conterraneo sr. José Joaquim da Costa, residente em Lisboa, onde é muito digno empregado da Companhia do assucar de Moçambique.

—Estiveram em Aveiro o nosso presado conterraneo sr. José Liborio Ferreira e o sr. padre Manuel da Cruz, digno parocho d'esta freguezia.

—Com a sua esposa, esteve aqui, na quinta e sexta-feira, o sr. dr. Alfredo Coelho de Magalhães, director d'este jornal.

—Esteve aqui, ha dias, o sr. dr. Diniz Severo Correia de Carvalho.

Partidas e chegadas

Retirou na sexta-feira para Lisboa a sr.ª D. Leopoldina da Conceição Fernandes de Figueiredo. Acompanhou-a até á estação de Aveiro o seu dilecto filho e nosso presado amigo sr. Aristides Dias de Figueiredo.

—Com sua esposa, regressou de Lisboa, onde esteve alguns dias, o nosso presado amigo sr. Paulo Moreira, digno empregado das Obras Publicas d'Aveiro.

Anniversario

Fez annos na quinta-feira o nosso bom amigo sr. Antonio do Carmo de Magalhães, a quem abraçamos.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Ois da Ribeira, 16

Depois d'alguns dias regulares, voltou o tempo invernoso: frio, vento e chuva. O nosso rio, que já dava passagem, encheu muito, encontrando-se no mesmo estado de ha seis mezes.

—Deve seguir, por estes dias, para o Porto, a esposa do nosso querido amigo sr. Commendador João Pereira da Conceição, de Cabanões. A illustrada senhora vae tratar-se d'uma terrivel doença de que vem soffrendo ha tempos.

Os nossos votos são por que regresse completamente restabelecida.

—Esteve aqui, ha dias, um engenheiro, encarregado de dar parecer ás instancias superiores a respeito da projectada ponte sobre o Agueda.

—Proseguem com actividade os trabalhos do caminho de ferro do Valle do Vouga entre Agueda e Travassô.

—Festeja-se aqui, no proximo dia 29, a Nossa Senhora do Rosario, havendo, como nos annos anteriores, missa, sermão e procissão. Assiste a philarmonica de Casal d'Alvaro.—C.

S. João de Loure, 17

Diz-se para ahi que se pretendeu nomear regedor de S. João o sr. Manuel Dias d'Andrade. E' certo que os povos de S. João e Loure ha muito reclamam que a regedoria passe para a séde da freguezia, visto Pinheiro, onde ella actualmente está, ficar bastante affastado. Mas — é preciso accentua-lo—apenas por esta razão, pois o actual regedor, sr. Manuel Rodrigues da Silva, tem desempenhado o seu cargo dignamente, tornando-se credor da sympathia de todas as pesssas honestas, pela isenção com que sempre procede. De resto, o boato de que se pensa em nomear o sr. Manuel Dias d'Andrade é uma pura phantasia. E se da parte de quem o propaga ha proposito de vexar ou calumniar alguem, contra esse proposito protestamos publicamente.

—Falleceu, no dia 14, a sr.ª Joanna Rita. Era uma excellente creatura, muito querida de todos, pelas suas primorosas qualidades.

—Vindos da capital, chegaram aqui os srs. Manuel da Silva Alho e Joaquim Martins dos Santos. Este, que é apaixonado pela musica «Velha», offereceu a todos os rapazes que a constituem um bello copo d'agua, pedindo-nos estes para, em seu nome, protestarmos aqui muito reconhecimento ao sr. Martins dos Santos.

—A instancias da Ex.ma Sr.ª D. Maria Innocencia d'Araujo Ferreira, trata-se de consertar a estrada do Cruzeiro que estava em pessimo estado.

E' mais um bello serviço que esta freguezia fica a dever áquella illustrada e virtuosa senhora.—C.

Troviscal, 19

Ora até que emfim! Respira-se melhor, finalmente. Passaram-se as noites de 17 para 18 e de 18 para 19, noite em que os meus visinhos julgavam que se acabava o mundo e não houve novidade. Tuda como dantes, não se fallando na muito chuva e muito frio, que parece não quererem deixar-nos. Umas noites mal dormidas, umas orações não sei a que santo ou santa, algumas promessas feitas á Nossa Senhora, se se escapasse desta, mas todos estavam a postos, esperando a morte.

No entanto as noites e os dias perigosos passaram, não obstante parecerem interminaveis, e dos sustos soffridos nada resta já.

Ainda bem...

—No visinho logar da Caneira, festejou-se, na segunda-feira, o S. Geraldo. Apesar do tempo estar de chuva, esteve regularmente concorrida a festa.—*Gil.*

Canellas, 18

De visita ao sr. Pelagio Dias da Silva, esteve aqui alguns dias o nosso presado amigo e digno correspondente do *Correio do Vouga* sr. José Rodrigues Correia de Mello.

—Começaram já as novenas do Coração de Jesus, que tem sido muito concorridas.

—As vinhas por aqui estão lindissimas.—C.

JOSÉ MARIA RODRIGUES, d'Eixo, encarrega-se de funeraes, fornecendo caixões com a maxima promptidão, para todos os preços e para todos os gostos, e côres de flôres artificiaes, além de muitos outros artigos funerarios.

AS FESTAS DE NAZARETH

II

(CONTINUAÇÃO)

E' uma velha ideia e uma velha phrase, a que diz que a vida é cheia de nectar e de fel; todavia, é tão verdadeira que ficará sempre moça! O nectar, por ser mais ligeiro, apresenta-se aos labios, e quando menos se espera já não ha senão fel para beber! Não ha nada que compense a alma d'aquelle anhelo delicioso de quem viaja, nas primeiras horas que passa num logar qualquer. Basta a ideia de que pouco nos demoramos ali, para lhe fazer crescer o encanto!

Por isso, quando disse adeus ás suas festas, as barracas principiaram a desarmar-se, os romeiros montaram a cavallo, os foguetes da despedida subiram ao ar e os cyrios deram as trez voltas da retirada em redor da egreja, senti uma certa pena ao lembrar-me que eram horas de eu partir tambem!

Tudo pareceu triste n'esse instante. A romaria tinha o ar de quem se despede da felicidade, e os anjos,—os proprios anjos!—tinham a voz mais rouca, mais confusa, mais entre-cortada de pausas, mais lamuriosamente arrastada do que nunca, ao dizerem em frente do templo:

E' chegado o momento, ó Virgem pura,
E' preciso deixar estes logares;
Asylo de piedade e de ternura.
De nossos olhos lagrimas a pares
Nos arranca a tristeza e o sentimento,
E a saudosa lembrança d'estes lares!

E o povo benzia-se, batia contricto no peito, e deixava correr pelas faces crestadas o pranto sincero da saudade e da fé! Boas e simples almas! com que impulso de religião pareciam ellas elevar-se a Deus, quando repetiam entre si n'um côro soffucado e unisono as estrophes da lôa:

Ah! quem fôra tão ditoso
Que pudéra aqui ficar,
E n'este monte sagrado
Os seus dias acabar!
.....

Quem vem fallar-me de educar o coração?! Coração tem-o aquella gente, e coração de lei! Que foi o que lhe ensinaram? Como ensinar! Como ensinar! O coração não tem que aprender. Sabe, presente, adivinha tudo. Muito faz elle, — ou para dizer melhor, faz o mais possivel— em não se esquecer... Eu ainda sou dos que crêem nas lagrimas, e apesar de me dizerem que o seu melhor merito é enganarem bem, quero-me com gente que chora. E como eu vi, n'aquella memoravel partida, nascer o pranto nos olhos do povo! E nós, a gente da cidade, que estavamos por ali uns poucos, seria a insensibilidade que nos roubou a dôr? Se rimos do que faz rir os outros, por que não choramos nós do que os faz chorar?

A' Nazareth não vão apenas os *touristes*. Além mesmo da população fluctuante que ali surge de repente nos trez grandes dias, as casas da praia alugam-se todas a um grande numero de familias, que ali corre de toda a parte em procura das soberbas ondas montanhosas, que nos elevam comsigo como se fossemos parentes d'aquelles chaldeos que tentaram escalar o céo!...

Rompe ainda mal o dia, já a gente pobre da villa vae banhar-se lá a uma extrema da praia, vestindo-se e despindo-se por detraz das pedras... A pouco e pouco principiam a povoar-se as barracas, e os banheiros encetam o seu giro de cada dia, que é sahir d'agua e entrar n'agua, para dar a mão ás timidas e aos medrosos.

Destino singular e excentrico! Que um desgraçado esteja desde o nascer do sol até ás onze horas, a tomar mergulhos forçados, que lhe grangeam os seus cincoenta banhos por dia, é realmente uma judiaria que esqueceu á inquisição! Os banheiros inspiram-me um sentimento de piedade que eu não saberia explicar. A moda creou estes martyrios. Se não fosse moda, ninguem tomava banhos: se ninguem tomasse banhos, não se haveriam inventado os banheiros. Desditosa raça! Para elles o verão é a estação fria; passam-a dentro da agua! Como estes pobres diabos hão-de achar quente... o inverno!

Das oito horas em diante chegam as elegantes e os *dandys* da praia. Elegantes... até ao entrar da barraca. Perante o roupão de baeta, a humanidade tem uma só feição. N'um traje d'aquelles toda a gente tem o mesmo feitio! As damas confundem-se a ponto de se tomarem a si proprias por uma amiga sua, e dirigem-se a palavra num frio soliloquio! Eu mesmo, quando me vi assim, enganei-me de tal fórma que tomei por um extranho de quem costumava rir!

A vida da praia principia então. Toda a gente se conhece, toda a gente se falla, toda a gente ri, salta na areia, corre em bandos para o mar, e fórma de mãos dadas uma larga linha... em que as ondas são os atiradores!

Ahi, começam as pompas da funcção e os triumphos da coragem! Quantos mais mergulhos, mais gloria!... Ao retirar do mar, não se ouve pelas barracas senão a pergunta perfida:

—Quantos mergulhos tomou?
—Trez!
—Que cobarde!
—Sete!
—Que valente!
—Doze!
—Que heroe!

Duas horas depois, as barracas desarmam-se; e sobre aquella areia em que mil pés delicados se agitaram, estendem-se canastras, e canastras, celhas e celhas com o peixe que os pescadores conduzem. E' ali mesmo o mercado, e á hora em que expira o imperio dos banhistas principia o reinado das corvinas e das fataças!...

(*Continúa*)

JULIO CESAR MACHADO.

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.--32 paginas--50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfastiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do a ctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhac castigará todos os typos que representam a tyrannia, a explora: ção, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A venda em todas as livrarias

LIVRARIA CENTRAL
DE
GOMES DE RVALHO, Editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.ª edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em fórma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual fôr a sua opinião e a sua creança, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuvas

Preço 500 réis

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

DAS

ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organisado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Deposito de Material Escolar

Modelos aperfeiçoados de: Carteiras, Caixas metricas, Contadores etc. Espheras terrestres e armillares. **Museu escolar e Mappas Geographicos.**

Preços muitos reduzidos

Para festas das creanças

Puerilidades

por *Angelo Vidal*

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

GRAMMATICA ELEMENTAR

DA

LINGUA PORTUGUEZA

PARA

USO DOS ALUMNOS

D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

POR

ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUCÇAO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de nstrucção primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instrucção Primaria, por A. M. F.

3.ª edição . . . 100 reis

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da *Livraria Fernandes*

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O *Manuscrpto das Escolas Prmarias*—contem exercicios graduados e variadissimos de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes acommodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte.

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da *Vitalidade* de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR

VIEIRA DA COSTA

E

OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho---Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

A B C

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.ª edição—Brochado 60—Cart. 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo: — Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão, 2$300 reis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

O que é a religião? Traducção de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Traducção de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete offerecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.ª edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol., 100

PORTO

TYP. DE A. F. VASCONCELLOS, SUC.

51, Rua de Sá Noronha, 59

Esta officina encontra-se em condições de executar todos os trabalhos typographicos

MAPPAS, OBRAS DE LIVRO, BILHETES DE VISITA E DE ESTABELECIMENTO, THESES, FACTURAS, ROTULOS DE PHARMACIA, JORNAES, ETC.

Officina de encadernação — Carimbos de borracha

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:
R. de S. Miguel, 36--PORTO

3.º ANNO—N.º 22

ASSIGNATURA
(Pagamento adiantado)

Portugal—anno	1$200
« —semestre	600
Africa —anno	1$500
Brazil —anno—(moeda forte) .	2$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha. .	10 reis
Communicados, cada linha. .	20 »

Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

CORREIO DO VOUGA
(EIXO)
Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Exm.º Snr.

.....

.....